

Comentários sobre espiritualidade e educação a partir d' *A hermenêutica do sujeito*

*Comments on spirituality and education from the
Hermeneutics of the subject*

Haroldo de Resende

Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Brasil
haroldoderesende@ufu.br

Resumo: O que se busca desenvolver é o estabelecimento de uma espécie de exercício comparativo entre, de um lado, a educação fincada numa razão instrumental que se coaduna com a ideia do sujeito de conhecimento com uma identidade constituída e permanentemente a mesma e, de outro lado, uma educação outra, associada ao sujeito que se transfigura pela verdade, tornando-se outro, diferente de si mesmo. Dessa forma, a espiritualidade é tomada como chave de compreensão da educação na relação do sujeito com a verdade, numa perspectiva que, ao invés de buscar descobrir a verdade educativa ou depurar o conhecimento entre o falso e o verdadeiro, procura ensinar a pensar e, mais que isso, ensina a desobediência como concretização de uma prática espiritual.

Palavras-chave: espiritualidade; educação; verdade; sujeito.

Abstract: The objective of the present text is to establish a kind of comparative exercise between, on one hand, education anchored in an instrumental reason that conforms with the idea of the self of knowledge with a constituted, permanently equal identity and, on the other hand, another education, associated with the subject transfigured by truth, becoming another, different than the self. This way, spirituality is taken as a key for the understanding of education in the relationship of the subject with truth, in a perspective that, instead of seeking to discover educational truth or purify knowledge between true and false, seeks to teach how to think and, more than that, teaches disobedience as the realization of a spiritual practice.

Keywords: spirituality; education; truth; subject

Fecha de recepción: 31/07/2025. Fecha de aceptación: 28/11/2025.

Apresentado no Simpósio Nacional 40 anos de A hermenéutica do sujeito, de Michel Foucault, de 20 a 24 de Junho de 2022. O Simpósio foi organizado por Tereza C Calomeni, professora do Programa de Pós-Graduação em Filosofia e do Departamento de Filosofia da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Haroldo de Resende (brasileiro), é doutor em Educação: História, Política, Sociedade, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com pós-doutorado em Filosofia, também pela PUC-SP. Professor Titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Entre outros, é organizador dos livros Michel Foucault: a arte neoliberal de governar e a educação (Intermeios, 2018) e Michel Foucault: a política neoliberal como guerra continuada (Pontes, 2024).

A relação consigo não desvincula o indivíduo de toda e qualquer forma de atividade na ordem da cidade, da família, ou da amizade; instaura antes [...] um intervallum entre estas atividades que ele exerce e o que o constitui como sujeito destas atividades [...]

Michel Foucault

Ninguém pode pensar em meu lugar, ninguém pode responder em meu lugar, ninguém pode decidir em meu lugar, ninguém pode desobedecer em meu lugar.

Frédéric Gros

1. A espiritualidade em Michel Foucault

Michel Foucault se dedica, em seu curso ministrado no *Collège de France*, no ano de 1982, ao tema da hermenêutica de si, ocupando-se em analisá-lo não somente em suas formulações teóricas, mas também em um conjunto de práticas que a sustentaram na Antiguidade clássica. O que Foucault efetivamente desenvolve ao longo desse curso é uma genealogia do sujeito ético, investigando o modo como esse sujeito se constitui, na medida em que explora as relações entre sujeito e verdade.

Logo no início da primeira aula do curso Foucault anuncia como ponto de partida para a exploração dessas relações entre sujeito e verdade a noção de «cuidado de si» ao mesmo tempo em que aponta um certo paradoxo e também uma certa sofisticação na escolha dessa noção, uma vez que a questão do sujeito, no pensamento ocidental, tradicionalmente, é posta numa formulação completamente diferente, referindo-se à questão do conhecimento do sujeito por ele mesmo («conhece-te a ti mesmo»).

Partindo do «cuidado de si mesmo», Foucault retoma o extenso percurso de transformação na história das práticas de subjetividade, de modo a percorrer mil anos de modificações que recobrem o período que vai do século V a.C. ao século V d.C., em que para além da condição de acesso à vida filosófica plena e estritamente, o princípio da ocupação consigo mesmo tornou-se também um fenômeno cultural de conjunto, segundo o qual toda conduta racional, toda forma de vida ativa que buscasse obedecer efetivamente ao princípio da racionalidade moral deveria guiar-se pelo princípio correlato da necessidade de ocupar-se consigo mesmo. Assim, a noção de cuidado de si surge desde Sócrates e percorre todo o decurso da filosofia antiga até o limiar do cristianismo, sendo também reencontrada no desenvolvimento do cristianismo.

Enfim, com a noção de *epiméleia heautoú*, temos todo um *corpus* definindo uma maneira de ser, uma atitude, formas de reflexão, práticas que constituem uma espécie de fenômeno extremamente importante, não somente na história das representações, nem somente na história das noções ou teorias, mas na própria história da subjetividade ou, se quisermos, na história das práticas da subjetividade.¹

¹ FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. Martins

Mais do que contrapor o conceito de «cuidado de si» ao de «conhecimento de si», Foucault os coloca em relação, especialmente por compartilharem o mesmo momento histórico de surgimento filosófico e apresentarem articulações e complementariedades.

É preciso lembrar, porém, que a regra de ter que conhecer a si mesmo foi regularmente associada ao tema do cuidado de si. Na cultura antiga, de ponta a ponta, é fácil encontrar testemunhos da importância conferida ao «cuidado de si» e de sua conexão com o tema do conhecimento de si.²

Cada um desses conceitos, por sua vez, apresenta modos distintos de concepção das relações entre sujeito e verdade. O «conhecimento de si» está ligado a uma ideia de homem como sujeito do conhecimento, com uma identidade já pronta e definida como substância imutável. O sujeito que conhece é a origem e a própria condição de possibilidade da verdade, de maneira que esta, que é um privilégio do sujeito cognoscente, é estabelecida numa relação linear com o sujeito. Logo, pode-se dizer que a concepção de homem nesse modo de relação do sujeito com a verdade tem correspondência com o sujeito soberano, assim como a verdade se identifica com o saber soberano.

Por outro lado, o «cuidado de si» se liga ao sujeito de ações, sem uma identidade plenamente pronta, imutável, essencial. O sujeito, neste caso, não é o ponto originário, nem a condição de emergência da verdade: ele é a verdade das práticas vividas, é a verdade que resulta de exercícios do próprio movimento da vida e que, numa relação de circularidade, tem efeitos que são recambiados para o próprio sujeito e incidem sobre ele, deslocando-o de si mesmo, modificando-o.

Salma Tannus Muchail³ adverte que, se aos dois conceitos — *conhecimento de si* e *cuidado de si* — correspondem diversa e respectivamente duas formas de concepção das relações entre sujeito e verdade, essas duas formas, por sua vez, abrem espaço para outros dois modos de compreensão da filosofia ou, se quisermos, como ela diz, a duas *formas de pensamento*. Destaca que Foucault, na aula introdutória do curso *A hermenêutica do sujeito*, referindo-se à primeira forma, utiliza-se simplesmente do termo «filosofia» (entre aspas) e para denominar a segunda é que ele introduz a noção de «espiritualidade» (também entre aspas).

Dessa maneira, Foucault define «filosofia» como a modalidade de pensamento que inquire sobre aquilo que permite que o sujeito tenha acesso à verdade, modalidade que busca estabelecer a determinação dos limites e condições de acesso à verdade pelo sujeito, de tal modo que essa modalidade de pensamento, a «filosofia», é aquela que «se interroga, não certamente sobre o que é verdadeiro e sobre o que é falso, mas sobre o que faz com que haja e possa haver verdadeiro e

Fontes, São Paulo, 2004, 15.

2 FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*, 597.

3 MUCHAIL, Salma Tannus. *Foucault, mestre do cuidado; textos sobre A hermenêutica do sujeito*. Loyola, São Paulo, 2011, 89.

falso, sobre o que nos torna possível ou não separar o verdadeiro do falso».⁴

Por outro lado, para Foucault, a «espiritualidade» constitui

o conjunto de buscas, práticas e experiências tais como as purificações, as asceses, as renúncias, as conversões do olhar, as modificações da existência, etc., que constituem, não para o conhecimento, mas para o sujeito, para o ser mesmo do sujeito, o preço a pagar para ter acesso à verdade⁵.

Ou seja, tomado distância do conhecimento como algo universal, já dado, à espera de ser acessado pelo sujeito que descobre a verdade descontinando-o, a espiritualidade corresponde às práticas que conduzem o sujeito à verdade, de modo a torná-lo tributário de si mesmo. Nesse sentido, Foucault enumera três postulados que caracterizam a espiritualidade tal como ela surge no Ocidente.

O primeiro postulado estabelece que a verdade nunca é dada ao sujeito de pleno direito, por um simples ato de conhecimento, uma vez que ele não apresenta capacidade de acessá-la, é necessário que, para acessá-la haja um movimento, um deslocamento do sujeito de si mesmo, ao ponto de que seja transformado, tornando-se, de certo modo, outro que não ele mesmo. «A verdade só é dada ao sujeito a um preço que põe em jogo o ser mesmo do sujeito. Pois, tal como ele é, não é capaz de verdade»⁶.

O segundo postulado, decorrência do primeiro, refere-se à impossibilidade de haver verdade sem que haja conversão, sem que haja transformação do sujeito, o que pode acontecer de diferentes maneiras, tanto por movimentos que arrancam o sujeito de seu estatuto e de sua condição atual, ascendendo-o à verdade ou, de modo contrário, a verdade atingindo o sujeito. Trata-se do que Foucault chama de movimento do *éros* (amor); além dessa forma, outro movimento de transformação do sujeito pelo acesso à verdade é a *áskesis* (ascese), o trabalho de si para consigo, numa modificação progressiva de si sobre si mesmo, em que o sujeito é o próprio responsável por um demorado e laborioso exercício sobre si mesmo. «Éros e áskesis são, creio, as duas grandes formas com que, na espiritualidade ocidental, concebemos as modalidades segundo as quais o sujeito deve ser transformado para, finalmente, tornar-se sujeito capaz de verdade»⁷.

O terceiro postulado da espiritualidade é que, uma vez aberto o acesso à verdade, haverá a produção de efeitos que Foucault chama de «‘retorno’ da verdade sobre o sujeito» e que corresponde àquilo que é produzido no sujeito pela verdade, àquilo que o transfigura e o complementa em relação ao que era antes do acesso à verdade. Ora, para a espiritualidade, a verdade não consiste apenas naquilo que é dado ao sujeito por recompensa pelo ato de conhecimento e para o preenchimento desse ato, uma vez que «um ato de conhecimento, em si mesmo e por si mesmo,

⁴ FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*, 19.

⁵ FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*, 19.

⁶ FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*, 20.

⁷ FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*, 20.

jamais conseguiria dar acesso à verdade se não fosse preparado, acompanhado, duplicado, consumado por certa transformação do sujeito, não do indivíduo, mas do próprio sujeito no seu ser de sujeito»⁸.

Ou seja, o acesso à verdade jamais seria realizado pelo simples ato de conhecimento ou pelo ato de conhecimento em si mesmo, mas pela transformação do próprio sujeito no seu ser de sujeito (não do indivíduo).

Foucault adverte que durante toda a Antiguidade o tema filosófico do acesso à verdade e a espiritualidade – entendida como as transformações necessárias no próprio ser do sujeito para acessar a verdade – são duas questões que sempre estiveram associadas. Por outro lado, o argumento de Foucault é que a história da verdade entra no período moderno no momento em que se admite que o que pode fazer com que o sujeito tenha acesso à verdade é conhecimento e nada além ou aquém do conhecimento⁹. «Creio que a idade moderna da história da verdade começa no momento em que o que permite aceder ao verdadeiro é o próprio conhecimento»¹⁰.

Ou seja, no momento em que a obtenção da verdade pode se efetivar sem qualquer condição para isso, sem que nada fosse solicitado ou exigido do indivíduo que busca a verdade, não havendo nada que lhe fosse exigido, nenhuma necessidade de alteração no seu ser de sujeito, nenhuma modificação cobrada; mas o acesso à verdade se dá por si mesmo, apenas por seus atos de conhecimento.

Dessa forma, nada mais é concernente à espiritualidade e as condições para a obtenção do acesso à verdade se repartem numa considerável variedade que se relacionam às condições formais, objetivas, culturais e morais, algumas intrínsecas e outras extrínsecas ao ato de conhecimento. Porém, não são concernentes ao sujeito no seu ser, à sua estrutura como tal, mas tão somente ao indivíduo na concretude de sua existência. Ou seja, o sujeito não é mais colocado em questão em função da necessidade de se ter acesso à verdade, de modo que, para Foucault é isso que marca a entrada da história das relações entre verdade e subjetividade na idade moderna.

Logo, o efeito do acesso à verdade na era moderna, tendo como condição apenas o conhecimento, é que nada, como recompensa e completude será encontrado no conhecimento a não ser o próprio caminho indefinido do conhecimento. Não será mais no sujeito que o acesso à verdade terá seu ponto de consumação pelo sacrifício, pelo tributo de seu alcance à verdade. Não será mais o sujeito o ponto de fulguração da verdade pelo efeito que ela operava nesse sujeito, mas a progressão indefinida do conhecimento.

8 FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*, 21.

9 Foucault argumenta que o tema do «cuidado de si» acaba por sofrer uma espécie de apagamento no que ele denomina de «momento cartesiano», uma vez que há uma requalificação filosófica do «conhece-te a ti mesmo» (*gnôthi seautón*), ao passo em que há uma desqualificação do «cuidado de si» (*epiméleia heautoū*). Desse modo, o conhecimento de si torna-se o ponto de origem no procedimento filosófico, o que passa a ser aceito desde o século XVII, marcando a «passagem do exercício espiritual ao método intelectual» (FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*, 356), o que equivale dizer «que o saber do conhecimento recobriu por inteiro o saber da espiritualidade» (FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*, 374).

10 FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*, 22.

O conhecimento se abrirá simplesmente para a dimensão indefinida de um progresso cujo fim não se conhece e cujo benefício só será convertido, no curso da história, em acúmulo instituído de conhecimentos ou em benefícios psicológicos ou sociais que, no fim das contas, é tudo o que se consegue da verdade, quando foi tão difícil buscá-la.¹¹

2. Correlações entre educação e espiritualidade

Não se busca aqui equiparar a educação à espiritualidade, tomando uma pela outra como se fossem sinônimas, mas estabelecer correlações, num exercício de aproximação entre uma e outra, ou ainda, tomar a espiritualidade como chave de compreensão da educação no nosso mundo contemporâneo para, talvez, pensar possibilidades de haver outros modos de práticas educativas.

Na nossa atualidade, especialmente na realidade brasileira, nos assuntos que concernem à educação seja na mídia em geral, em discursos de governos e empresários, em eventos acadêmicos, no seio das famílias, nas políticas de educação, enfim, no debate geral sobre a educação, tem sido preponderante a compreensão de que a escola se configura no lugar para a transmissão e socialização do saber sistematizado, constituindo o espaço para a aquisição do conhecimento construído pela humanidade e, mais ainda, a escola é vista como uma agência de preparação e formação para o mundo do trabalho, portanto como uma agência de profissionalização dos indivíduos em sua continuidade de estudos (praticamente ininterrupta) nesse processo de acesso ao saber, o que, em certo sentido, constitui a verdade da educação e da escola.

Nessa perspectiva o saber não seria mais que uma coisa, algo a ser transmitido, repartido, algo a tornar-se propriedade, a ser consumido e armazenado como dados, informações sistematizadas aptas a serem reproduzidas, segundo uma determinada ordenação e a prevalência da repetição dos conteúdos no treino da mente.

O professor, por sua vez, nessa visão, é aquele que deve se responsabilizar pela transmissão desse saber aos alunos, aquele que, de posse do conhecimento e como o devido preparo técnico e domínio de tecnologias novas e com a competência didático-pedagógica adequada, deve formar o aluno e levá-lo a adquirir as competências necessárias para sua disponibilidade às demandas do mercado de trabalho, o que redonda na aquisição de uma forma, de uma formatura efetivada pelo ensino nesse processo de transmissão e aquisição de conhecimentos (já produzidos numa indefinida progressão que vai se sedimentando nas práticas pedagógicas.

11 FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*, 24.

A moldura geral desse quadro em que a educação é, dessa forma projetada, delineando seus contornos políticos e filosóficos, sociais e históricos é a de uma razão instrumental em que a escola é vista em termos de funcionalidade, eficácia, eficiência, aplicabilidade, produtividade, de modo que o sentido que lhe é dado é a preparação profissional como investimento para um tempo futuro, reduzindo sua razão de existir ao pregar dos indivíduos para o alcance de objetivos e metas no mundo da economia e do trabalho, numa esfera completamente alheia ao campo educativo, propriamente.

Ou seja, essa concepção de educação ou de formação escolar está fincada numa racionalidade instrumental que pode se coadunar com aquele modo de conceber a relação entre sujeito e verdade em que prevalece a ideia do homem como sujeito de conhecimento com uma estrutura de identidade constituída e permanentemente a mesma, de modo que, por ser o sujeito cognoscente, configura-se como uma condição de possibilidade e origem da verdade que se apresenta como privilégio desse sujeito na demarcação diferencial entre o verdadeiro e o falso.

Por outro lado, ainda nesse exercício de aproximação, talvez seja possível associar a noção de espiritualidade com uma outra concepção de educação e escolarização ligada a outros modos de existência individual e coletiva. Uma concepção na qual se privilegia o pensamento e a escola é vista como espaço de cultivo desse pensamento, espaço de reflexão e crítica, lugar de compreensão e problematização de ideias, argumentações, conceitos, discursos e narrativas, pressupostos e implicações dos modos de investigação.

Um tal modelo de educação, por assim dizer, implicaria para o sujeito que se educa a constituição de sua própria alteridade, na medida em que esse sujeito se transformaria tornando-se outro, diferente de si mesmo, devindo-se outro. Um sujeito que, no movimento de transfiguração de si, atingiria a verdade que o iluminaria em seu ser, diferentemente de um ato de conhecimento, em si mesmo e por si mesmo.

Ao invés de buscar descobrir a verdade educacional entre o falso e o verdadeiro, um dos objetivos éticos fundamentais da escola, nessa perspectiva, deveria ser ensinar a desobedecer ou, simplesmente ensinar a pensar, pois que pensar é cuidar de si mesmo e cuidar de si, em certo sentido, é desobedecer. O cuidado de si não se refere a um ensimesmamento ou introspecção narcísica que equivalha a fazer de si mesmo exclusiva e constantemente um objeto de cuidado estético. Cuidar de si não é se guardar ou se proteger, numa postura individualista e egoísta, mas ser e estar vigilante do núcleo ético que se aloja em cada «si», em cada sujeito.

Esse «si» não é o eu egoísta das preferências, tampouco o eu íntimo, profundo, secreto, especialidade dos psicólogos do desenvolvimento pessoal, aquele a ser redescoberto, reconquistado em sua autenticidade para além do verniz da educação e do jugo das socializações. O si de que se trata, e que constitui o objeto, o conteúdo do cuidado socrático, traçando o volume ético da relação de si para si, é esse «fundo» a partir

do qual eu me autorizo a aceitar ou recusar tal ordem, tal decisão, tal ação. É a alavanca da desobediência.¹²

O que provoca a desobediência não é o sujeito cognoscente ou a cognoscência do sujeito, não é uma consciência que traz consigo a verdade ou os valores eternamente imutáveis na instância estabilizada de um si soberano. O que provoca a desobediência é a conjunção das inquietudes éticas (diante das injustiças, das desigualdades, das assimetrias de direitos e de todas as formas de poder que oprimem e reprimem as diferenças).

O cuidado de si, correlato da espiritualidade, no ponto em que transforma o sujeito, convertendo-o em outro, diferente do que era antes é o que vai alavancar a desobediência que só pode ser atingida por um gesto educativo guiado pelo pensamento, pelo pensamento pensante, na expressão de Frédéric Gros.

É o pensamento pensante, o trabalho crítico que nos faz desobedecer.

[...] quero dizer com isso que cada um deve esforçar-se para se postar na vertical da questão e que seu pensamento só se anime em eco a essa convocação. Impedir-se de recitar receitas, de gaguejar fórmulas aprendidas, de aplicar soluções prontas, de receber evidências passivas – e principalmente confiar nas hesitações da consciência. Mais uma vez, princípio da responsabilidade indelegável: ninguém pode pensar em seu lugar, ninguém pode responder em seu lugar.¹³

Nessa direção de pensar a desobediência no seio de uma relação consigo são pertinentes as perguntas formuladas por Gros, a partir das quais ele põe em confronto as dimensões individual e coletiva: «Desobedecer seria, portanto, voltar para si mesmo? E o que fazer das revoltas, das paixões coletivas da justiça, o que fazer do sentido da história, da revanche dos povos?»¹⁴

Para Gros, não se trata de uma experiência em que o sujeito se obriga ao outro, a causas e valores que o ultrapassam, mas de uma responsabilidade indelegável. Trata-se da confluência entre obrigação ética e dissidência cívica na vibração conjunta de inumeráveis «si» indelegáveis – em sua expressão – em face de uma situação degradada a ponto de cada um perceber e sentir a urgência e a necessidade de desobedecer.

É a essência das revoluções quando cada um se recusa a deixar a outro sua própria capacidade de supressão para restaurar um injustiça, quando cada um se descobre insubstituível para se pôr a serviço da humanidade inteira, quando cada um faz a experiência da impossibilidade de delegar a outros o cuidado do mundo.¹⁵

12 GROS, Frédéric. *Desobedecer*. Trad. Célia Euvaldo. Ubu, São Paulo, 2018, 181.

13 GROS, Frédéric. *Desobedecer*, 183.

14 GROS, Frédéric. *Desobedecer*, 183-184.

15 GROS, Frédéric. *Desobedecer*, 184.

3. Conclusão

A propósito da revolução iraniana, em 1979, portanto, três anos antes do curso *A hermenêutica do sujeito*, em uma entrevista, Foucault, ao falar sobre espiritualidade, assim a define:

Acredito que seja a prática pela qual o homem é deslocado, transformado, transtornado, até a renúncia da sua própria individualidade, da sua própria posição de sujeito. Não mais ser sujeito como se foi até agora, sujeito em relação a um poder político, mas sujeito de um saber, sujeito de uma experiência¹⁶.

Logo, numa associação bastante livre, pode-se dizer que o ato educativo, que a ação educativa sobre o sujeito, se não é «a» espiritualidade, se concretiza como uma prática espiritual, como um exercício espiritual, uma vez que a função da educação, distante de uma racionalidade instrumental e pragmática, corresponderia ao deslocamento, à transformação, ao transtorno do homem com relação a si mesmo, impelindo-o a tornar-se outro, diferente de si, na renúncia de sua própria posição de sujeito, ancorada no cuidado de si como exercício pedagógico para si e para o outro, na obediência de princípios éticos e políticos e na desobediência a tudo que represente uma governamentalidade pautada em sujeições.

¹⁶ FOUCAULT, Michel. *O enigma da revolta. Entrevistas inéditas sobre a Revolução Iraniana*. Trad. e Apresentação Lorena Balbino. N-1, São Paulo, 2018, 21.

4. Bibliografia

- FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. Trad. de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. Martins Fontes, São Paulo, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *O governo de si e dos outros*. Trad. de Eduardo Brandão. Martins Fontes, São Paulo, 2010.
- FOUCAULT, Michel. *A coragem da verdade*. Trad. de Eduardo Brandão. Martins Fontes, São Paulo, 2011.
- FOUCAULT, Michel. *Discurso e verdade: seis conferências dadas por Michel Foucault, em BerKeley, entre outubro e novembro de 1983, sobre a Parrhesia*. Prometeus, Sergipe, ano 6, n. 13 (edição especial), 2013. p. 3-114.
- FOUCAULT, Michel. *O enigma da revolta. Entrevistas inéditas sobre a Revolução Iraniana*. Tradução e Apresentação de Lorena Balbino. N-1, São Paulo, 2018.
- GROS, Frédéric (org.). *Foucault. A coragem da verdade*. Trad. de Marcos Marcionilo. Parábola, São Paulo, 2004.
- GROS, Frédéric. *Desobedecer*. Trad. de Célia Euvaldo. Ubu, São Paulo, 2018.
- MUCHAIL, Tannus, Salma. *Foucault, mestre do cuidado; textos sobre A hermenêutica do sujeito*. Loyola, São Paulo, 2011.